ARTE E LINGUAGEM I.

Tópico 4

ARTE . VISUAL . ENSINO

Ambiente Virtual de Aprendizagem

Professor Doutor

Isaac Antonio Camargo

Da Modernidade à Pós-Modernidade: o caminho para a Contemporaneidade.

Cursos de Artes Visuais – Licenciatura e Bacharelado
Faculdade de Artes, Letras e Comunicação
Universidade Federal de Mato Grosso do Sul

ARTE VISUAL ensino

A partir da década de 1950, uma das mais fecundas para a Arte contemporânea, as transformações sociais, econômicas, tecnológicas e comunicacionais ocorreram com muita rapidez a ponto de historiadores e filósofos buscarem explicações para tal fenômeno. Nesta busca surge o termo Pós-Moderno, no entanto, não é uma unanimidade no contexto da historia, da filosofia ou da Arte. Apenas explica ou tenta explicar algumas transformações mas não dá conta ou não consegue convencer a maioria dos estudiosos dos temas sociais contemporâneos.

A questão posta em relação à Pós-Modernidade é a admissão do fim do Modernismo, condição cultural se se iniciou no final do século XIX e se consolidou durante a primeira metade do século XX, conforme visto até agora. Para muitos estudiosos, as questões da Modernidade ainda estão postas e em desenvolvimento sem que houvesse uma ruptura ou transformações que a modificassem. Por outro lado, outros admitem que as transformações que ocorreram, principalmente, a partir da segunda metade do século XX, caracterizam uma nova era.

Filósofos como filós Jean-François Lyotard e Jean Baudrillard, admitem que as condições de desenvolvimento que superam as limitaçoes do Moderno já caracterizam uma Pós-Modernidade. Jürgen Habermas, afirma que a pós-modernidade nada mais é do que o ressurgimento de ideias anti-iluministas há muito existentes, portanto o projeto moderno ainda vigoraria. Polêmica à parte, no que diz respeito à Arte Visual, chamar de Pós-Moderna à produção contemporânea não seria adequado pois há muitas tendências e proposições de caráter Moderno.

Costuma-se admitir que a Arte Pós-Moderna se refere às produções que surgiram na esteira das novas proposições artísticas que deixaram para trás as tendências objetuais, convencionais e tradicionais e investiram em novas características como as Performances, Intervenções, Instalações ou manifestações que recorrem às Tecnologias óticas e/ou digitais na produção de foto performances ou vídeo performances e demais apresentações para configuração ou difusão da produção artística.

O marco inicial tomado para o que se chama de Arte Pós-Moderna na contemporaneidade é a Pop Art. Pop Art ou Arte Pop surge na década de 1950 no Reino Unido, mas alcança sua maior difusão e estabilidade estética e conceitual e na década de 1960 nos Estados Unidos. O nome Pop Art é dado pelo crítico britânico Laurence Alloway. As obras Pop recorrem à massificação obtida da cultura popular capitalista. Tende a estética amparada na Indústria Cultural onde os valores são superficiais e mercantis da chamada cultura Pop.

Uma das primeiras imagens relacionadas ao estilo Pop é a colagem de Richard Hamilton (1922 - 2012): *O que Exatamente Torna os Lares de Hoje Tão Diferentes, Tão Atraentes?*, de 1956:

O Independent Group de Londres, 1952 a 1956, é tomado como precursor da Pop art. O grupo, formado entre outros pelos artistas Laurence Alloway, Smithson, Richard Hamilton, Eduardo Paolozzi e Reyner Banham recorria aos novos processos de produção e difusão gráfica durante as décadas de 1950 e 60, cujo objetivo era produzir manifestações artísticas que atingissem o meio número de pessoas,independente de terem ou não conhecimento sobre Arte. A Exposição derradeira do grupo foi *"This Is Tomorrow"* em Londres, na *Whitechapel Gallery*, em 1956.

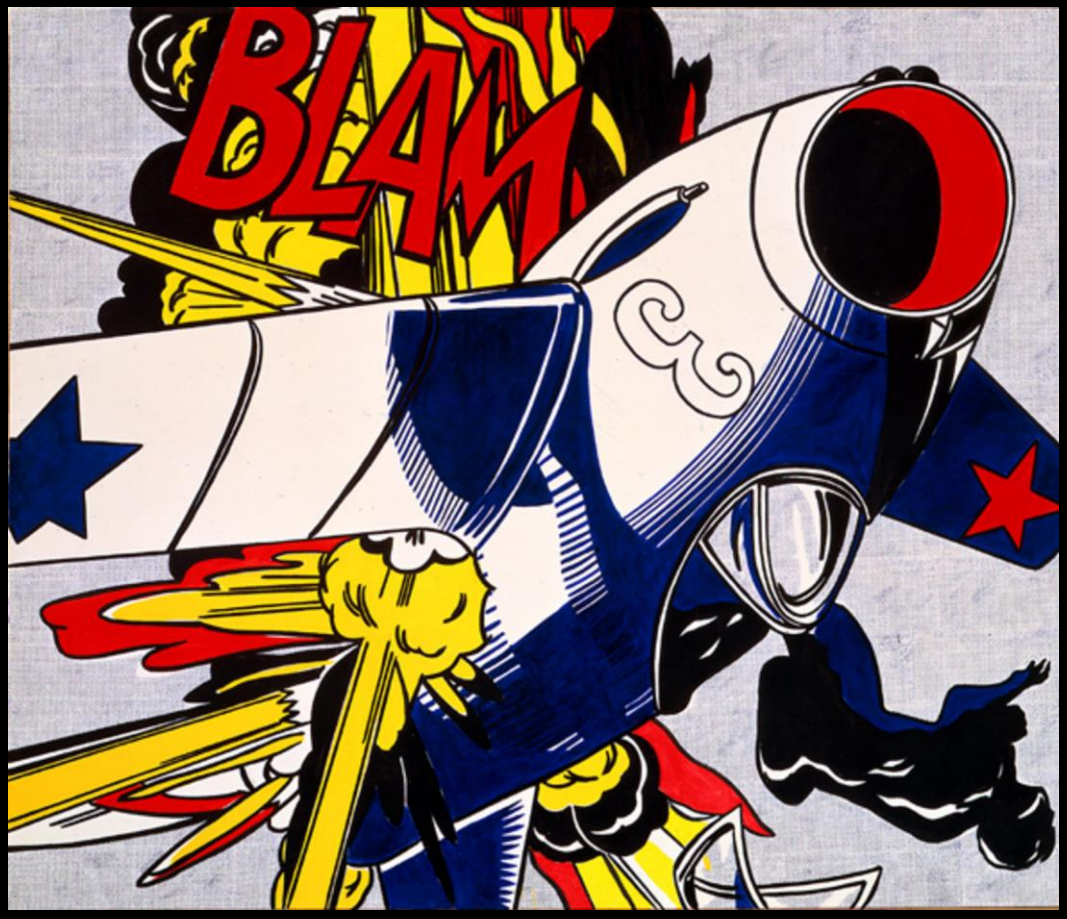
Cabe notar que as primeiras manifestações da Pop Arte, embora surjam na Inglaterra no período Pós-Guerra, que enfrenta as dificuldades de reorganizar a economia e consequentemente a sociedade e a cultura, parece que ideia Pop surge como um válvula de escape ou expectativa de superação das dificuldades sociais como uma espécie de idealização em torno do desenvolvimento econômico alavancado pelos Estados Unidos e que se transforma em tema para os artistas Pop ingleses facilitando a adoção pelos artistas americanos.

Portanto, é nos Estados Unidos que a Pop Art vai encontrar um terreno fértil para suas manifestações e durar mais de duas décadas e ainda influenciar boa parte de várias manifestações posteriores. Embora a Art Pop americana não tenha sido organizada por manifestos, é praticada por vários artistas. A partir de um dado momento, começam a surgir projetos curatoriais que identificam e reconhecem esta tendência, assim mostras e registros sobre estas manifestações passam a incorporar a História da Arte Visual,

Nomes como Andy Warhol, Roy Lichtenstein, Claes Oldenburg, James Rosenquist, Tom Wesselmann, Robeert Rauschenberg e Jasper Johns passam a existir no universo da cultura artística americana, mais tarde, ocidental. Hoje em dia não se pode negar a importância da Art Pop no contexto da Arte Contemporânea, pois suas marcas são ainda visíveis na obra de muitos artistas.

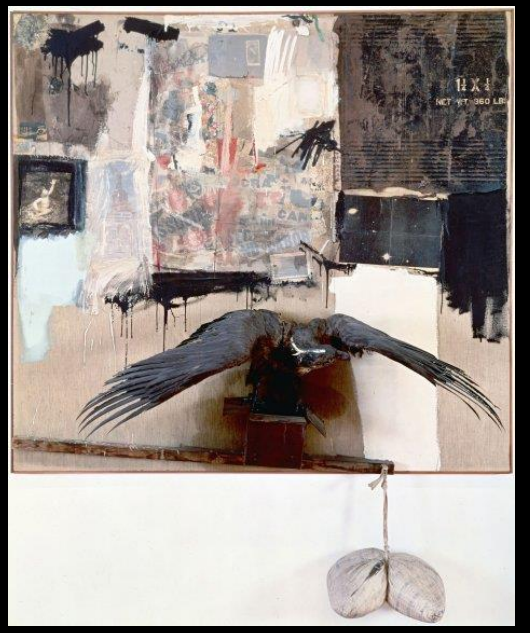
Uma ou várias das obras mais emblemáticas de Andy Warhol são as latas de Sopa Campbells, reproduzidas por ele em várias versões, em geral, por meio de serigrafia, um processo de impressão permeográfica com o uso de telas, originalmente de seda, depois nylon ou poliéster, preparadas com sensibilizante e gravadas por meio da luz que possibilita a reprodução de muitas cópias.

Personalidades da Cultura Pop como a atriz Marilyn Monroe e o cantor e ator Elvis Presley, foram temas de obras de Andy Warhol.

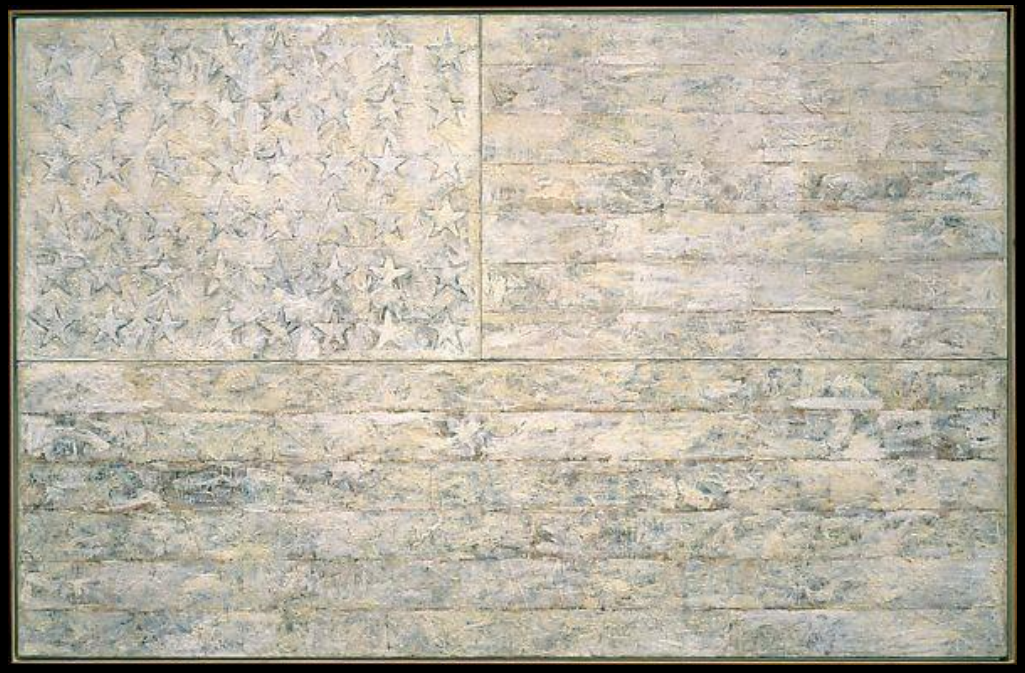


Obras de Roy Lichtenstein que recorria à linguagem dos quadrinhos nas suas pinturas, imitando as retículas típicas e os processos gráficos destas edições.

As Esculturas Macias de Claes Oldenburg imitando alimentos do Fast Food, típico do American Way of Life.



As “alegorias americanas” desenvolvidas por Robert Rauschenberg, evocando o desenvolvimento tecnológico, industrial e econômico ou simplesmente se apropriando de elementos encontrados para produzir arranjos “fora de série” como “Arrebata” um corvo empalhado ou a cabra que compõe a obra *Monogram,* ambas de1959.



O patriotismo explícito nas “bandeiras” de Jasper Johns.

Convém alertar que Art Pop não se confunde com Arte Popular que são, em geral, manifestações de caráter folclórico, termo derivado do inglês *folklore: folk* **se** refere a povo e *lore* a sabedoria ou conhecimento. Tais manifestações são livres da ingerência da cultura erudita e se manifesta em núcleos populares por meio de artesãos, artistas populares que desenvolvem seus trabalhos a partir de seu meio, sem vínculo com o aprendizado formal. Pode ser chamada também de Arte Vernacular.

Aqui algumas obras do Mestre Noza, representante típico do artesanato cearense, expostas no Centro de Cultura Popular em Juazeiro. Foto de André Costa. Percebe-se a grande diferença entre as proposições Pop e as Populares.

Continuo chamando a atenção para determinados marcos formais ou estéticos que vão surgindo ao longo do processo de transformação pelo qual a Arte Visual passa desde seu surgimento. Um dos mais importantes deles foi a ruptura que o advento do Modernismo proporcionou em relação a visão clássica, tradicional e conservadora que vigorou até o século XIX, cujo marco estético acabou sendo o Impressionismo. Em sequência o Expressionismo e as tendências Abstratas.

Dentro do próprio Modernismo, algumas tendências o desafiaram como o Dadaísmo e outras o expandiram como o Futurismo, por exemplo. Portanto, é comum que tais transformações surjam e possam alterar ou modificar completamente a visão que se tem da Arte num dado momento. A maioria dos movimentos, manifestos, tendências e intervenções que surgiram e foram se acomodando no contexto da Arte Visual, serviram para consolidá-la e ampliar seu repertório, seu vocabulário estético.

Considero que, depois do Dadaísmo, o movimento mais “contemporalizante” foi a Pop Art, justamente por colocar na “pauta do dia” as questões relativas à industrialização massiva, a comunicação social, a sociedade de consumo e a Indústria Cultural. Com isto as manifestações artísticas passaram a incorporar elementos do cotidiano de tal maneira que não era necessário ser um “especialista” para saber que uma lata de sopa é uma lata de sopa, como propôs Andy Warhol.

Parecia que a Pop Art havia encontrado a melhor saída para o impasse do hermetismo e elitização que se atribuía à Arte Visual. Os temas, figuras, recursos tomados do cotidiano, dos produtos do mercado, do cinema, da publicidade e da propaganda, inclusive, usando linguagens muito semelhantes a elas, facilitou, ao público em geral, a ilusão do acesso a Arte. No entanto, não possibilitou o acesso ao conhecimento sobre ou da Arte.

Ao deparar numa exposição uma instalação como a do Sabão Brillo, de Warhol:

É possível acessar o arranjo de caixas e, ao ler as informações nelas explícitas, percebe-se se tratar de caixas de sabão. Contudo, não se pode dizer que quem observa esta instalação apreenda a significação da obra.

Embora não seja uma obra hermética, um enigma, ao observador comum pode não parecer coerente, viável ou aceitável que uma Obra de Arte seja apenas o empilhamento de caixas de sabão. Portanto, ao contrário de se aproximar, a Pop Art se afastou do público que almejava conquistar. Isto diz respeito a novas concepções que passaram a orienta as Obras de Arte a partir do Modernismo e, em especial, do Dadaísmo: O fator *Conceitual*.

O que é, então, este *Fator Conceitual* que acabei de identificar?

Bem para explica-lo vou recorrer a alguns pressupostos que surgiram desde as primeiras décadas do Modernismo.

Uma das questões instigadoras do Modernismo foi a ruptura com a tendência clássica, tradicional e acadêmica que dominava o contexto da Arte Visual desde o surgimento das Academias de Arte, para isto, deixa de seguir modelos e prescrições técnicas e estéticas "belartísticas".

Pode-se dizer, então, que as atitudes dos artistas não são mais as de reproduzir os modelos do passado, neste sentido, instauram uma busca pela autonomia e personalidade que vais culminar no que se vê hoje na chamada Arte Contemporânea. Esta seria, portanto, uma das primeiras atitudes de alteração do processo de criação artístico: deixar de olhar para "fora", para os modelos hegemônicos e tradicionais e passar a olhar para "dentro", para os potenciais criativos, estéticos, experimentais e propositivos.

Neste sentido a questão Propositiva envolve procedimentos que não seguem regras ou modelos anteriores, mas procuram descobrir novos caminhos e soluções. Isto é o que propôs o filósofo italiano Luigi Pareyson, ao desenvolver pesquisas e publicações na década de 1950, quando propôs uma nova abordagem estética que chamou de *Teoria da Formatividade*. Sua obra trouxe “sentido” às proposições artísticas que surgiram desde os primeiros momentos do Modernismo, pois como é sabido não havia, até então, uma Estética “Modernista”.

A concepção “Pareysoniana” me parece “cair como uma luva” para resolver algumas questões de análise das Obras de Arte que não atendiam mais aos pressupostos tradicionais. Suas orientações ressalvam aproximações superficiais que tendem a descrever a Forma em contraponto com o Conteúdo, vai além do “formalismo” e do “conteudismo” na medida em que concebe o conceito de “Forma” como “Organismo Vivo”, dinâmico, independente, autônomo e em constante mutação, sujeita a variadas relações e interpretações.

Pareyson recorre à ideia de *Processo* como um dos elementos de significação das Obras de Arte. A Arte estaria se impregnando mais de processos e procedimentos do que dos temas e assuntos que a motivaram anteriormente. Lembra questões oriundas do Poien grego, como “fazer”, processo de criação. Neste sentido é que entra em cena a questão *Processual*. Os atos procedimentos implicados na realização das Obras de Arte passam a ser entendidos também como elementos significantes.

Para entender isto, basta lembrar das proposições gestuais já apontadas aqui nas obras de Jackson Pollock, por exemplo. Então é possível dizer que há abordagens que não estão necessariamente preocupadas *se* as obras tratam de temas ou assuntos específicos, mas *como* os tratam. Por outro lado há também manifestações que não se importam com a performatividade, mas com a apropriação. Basta lembrar também dos Dadaístas que recorriam ao entorno para obter recursos para suas obras, como se viu anteriormente.

Se nem os temas tampouco os materiais eram relevantes para a criação, o que estava em pauta?

Pode-se dizer que a importância é transferida ou focada nos modos de pensar. Aqui entra então uma das tendências mais interessantes do contexto entendido como Pós-Moderno: a questão do Conceito, do Conceitual ou Conceitualismo. Uma tendência artística que não opera mais por meio de técnicas, instrumentos ou materiais, mas por meio das essências significantes e significativa das coisas ou proposições.

Em 1967, Sol Le Witt publica “Parágrafos sobre Arte Conceitual”, depois “Sentenças sobre Arte Conceitual”, em 1969. Neste mesmo ano a Revista *Art-Language*, subtitulava: Revista de Arte Conceitual. Embora o escritor Hrry Flynt já tivesse empregado a expressão “Arte Conceito” em 1961, no contexto das atividades do grupo “Fluxus”. Propõe que o “material” das Obras de Arte, são Conceitos e não mais materiais. Portanto matérias de linguagem, logo, a matéria da Arte Conceitual é a Linguagem.

No entanto, o que subsiste como Arte Conceitual é muito maior do que as constatações de Flynt. É possível dizer que a ideia de Conceitual ou Conceitualismo, na década de 1950-60, equivale à ideia de Abstração ou Abstracionismo que surgiu nas décadas de 1910 e posteriores no século XX. São tendências que marcam e orientam novas possibilidades sem fechar o cerco em torno de um ou outro procedimento simultâneo.

Significa que tais tendências não se tornam, nem querem ser hegemônicas, mas convivem com outras que continuam a promover seus desdobramentos ou surgem em paralelo. Este é o que chamei de Efeito Conceitual, o mesmo pode ser dito da Abstração como um efeito que atrai certos artistas em certos momentos que passam a desenvolver suas obras dentro de tais tendências. O contexto contemporâneo da Arte é pródigo em tendências e proposições e não em Movimentos, como foi no Modernismo.

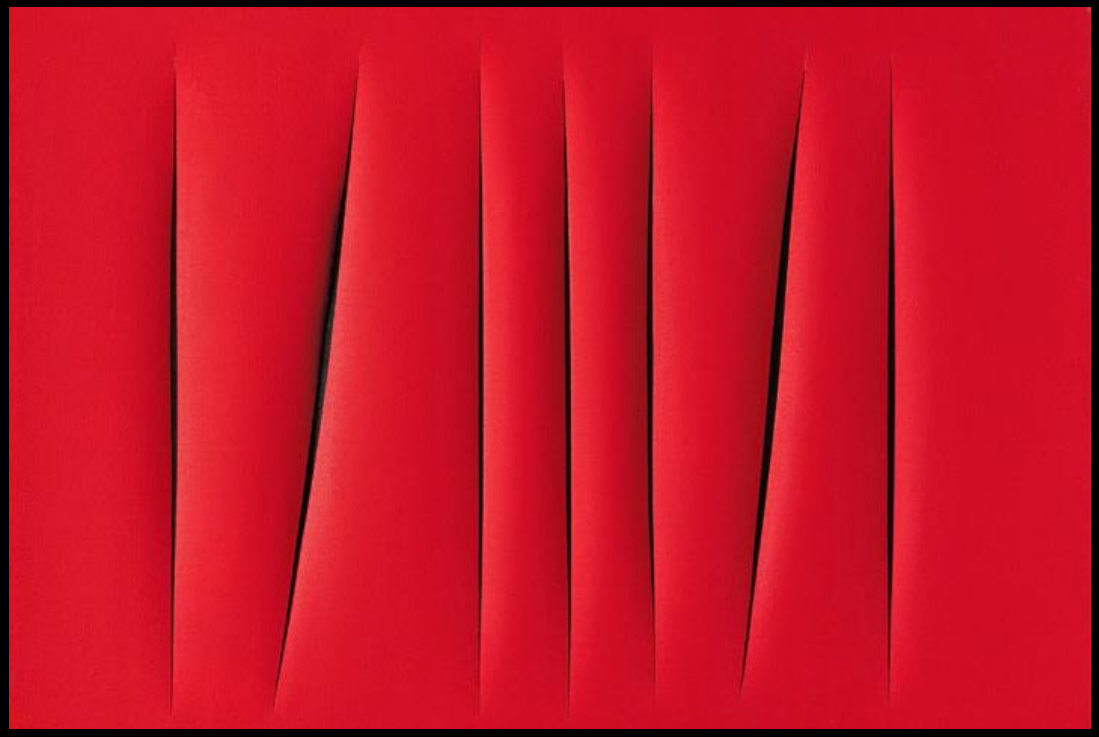
Joseph Kossuth foi um artista e teórico que conseguiu traduzir as proposições da Arte Conceitual por meio de sua práxis artística. Sua obra: “Uma e três cadeiras”, de 1965, estabelece com propriedade a relação entre a “realidade” usando na instalação uma Cadeira de verdade, uma “representação” da cadeira por meio de uma fotografia (poderia ser um desenho ou pintura) e o próprio “conceito” de cadeira tomando um verbete de dicionário que descreve a peça de mobiliário.

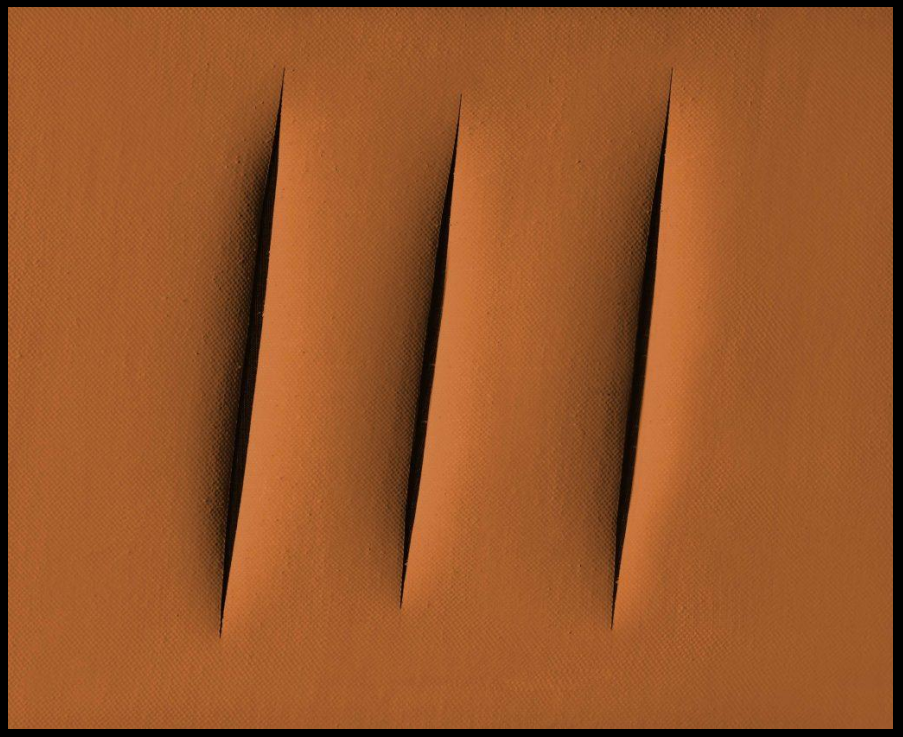
A partir daí foi possível operar, dentro do universo da criação artística, segundo uma metodologia de significação estruturalista, ou se quiser, semiótica, capaz de lidar com os modos de construir sentido e não apenas como meios de representação do visível, aqui entra, mesmo que por acaso, o indizível, o impensável e o invisível, já que o conceito opera no nível cognitivo e não no descritivo ou narrativo como a figuração tradicional estava habituada a fazer.

Joseph Kossuth, “Uma e Três Cadeiras”, 1965.

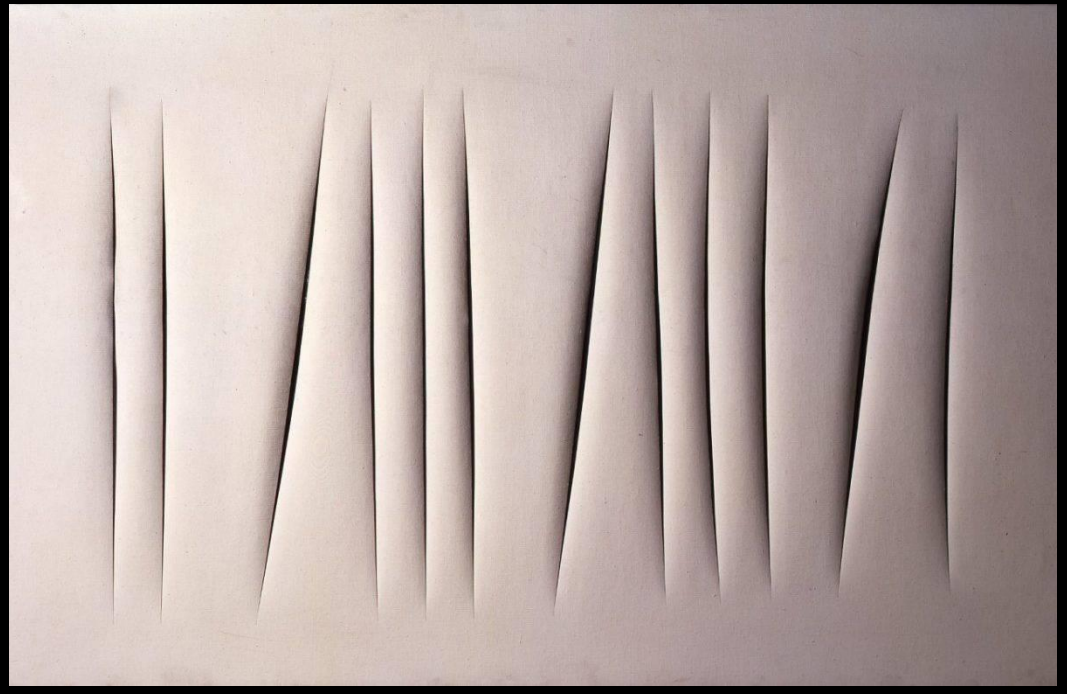
Com isto consegue distinguir como opera o sistema de significação dos objetos e como a Arte pode se apropriar disto e destituí-los de seu estado de presença absoluta. Uma tendência que poderia ser chamada de *Arte Não Objetual* já estava em curso há algum tempo, como disse, desde o Dadaísmo. A destituição do Objeto como detentor exclusivo da significação da Obra de Arte estava em curso e muitos artistas adotavam atitudes que confrontavam a essência de Obra de Arte por meio de agressões sobre o material.

As telas esfaqueadas de Lúci Fontana demostram o desprestígio que a materialidade passa a ter neste contexto. As intervenções a tiros de Niki de Saint Palle, sobre suas telas fazem o mesmo no Novo Realismo francês. Assim como as obras de Alberto Burri, nas quais são visíveis os efeitos da queima aplicada sobre suas telas explicitadas pelas contorções e encolhimento dos materiais na superfície. Isto também dá margem ao surgimento da Arte Povera, Arte Pobre, prodiga em usar materiais de descarte, lixo e dejetos industriais chegando ao cúmulo de Piero Manzoni recorrer aos seus próprios dejetos.

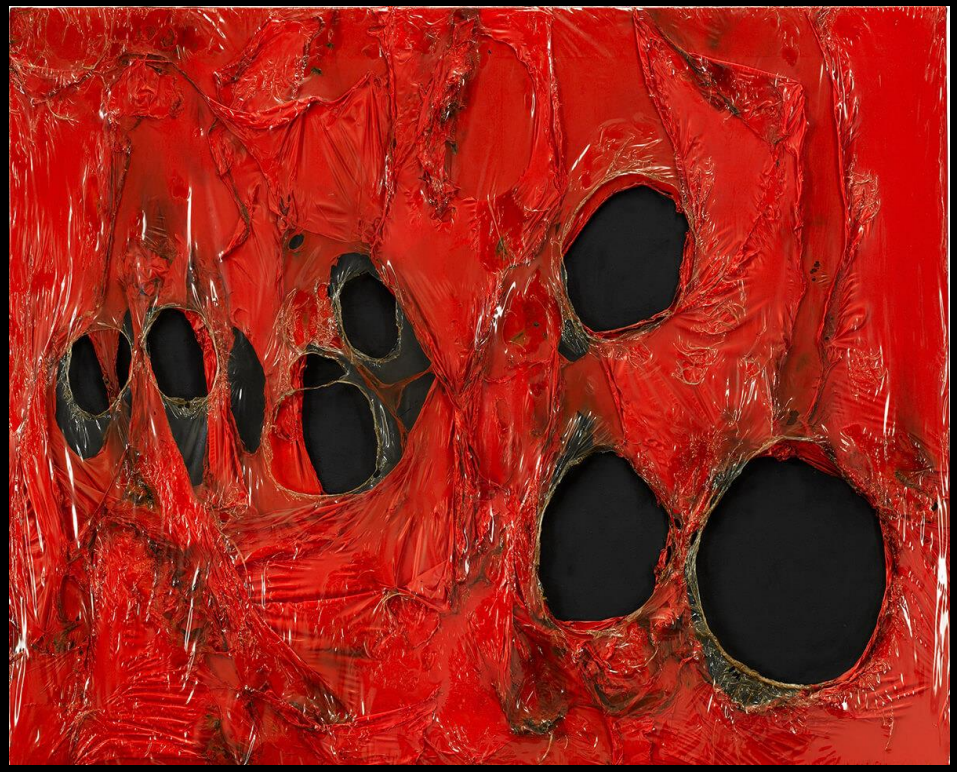




Lucio Fontana, nos cortes de suas telas, entre as décadas de 1950-60, se propõe a desenvolver o Movimento Espacialista. Neste caso os cortes são menos agressões e mais transgressões eliminando a diferença da bidimensionalidade com a tridimensionalidade.



Niki de Saint Phalle, um "*stand*" de tiros, contra suas próprias obras, na década de 1960.



Alberto Burri, com suas telas queimadas na década de 1960.

Piero Manzoni vai demonstrar esta “displicência” e o máximo de “desacato” na série “Merda de Artista”, 1961. Na qual coleta seus dejetos fecais e o os embala em latas hermeticamente fechadas de 30 gr. propondo a venda pelo equivalente ao preço do grama do ouro.

Ao que parece a questão não estava apenas na desmaterialização, mas também na desagregação ou na reordenação dos valores da Arte. O que se percebe é que os artistas passam a usar seus processos e procedimentos tanto para mostrarem suas posições pessoais, idiossincráticas, como também para exercerem o poder de criticar, confrontar o próprio sistema de Arte enquanto tal, em geral, dominado pelo poder e ingerência do mercado. Neste sentido a Arte deixa de ser contemplativa e se torna proativa.

A apreciação da Arte Visual deixa de ser uma atitude passiva, orientada, em geral pela abordagem do olhar e tentativas de apreender o que tais imagens diziam, narravam o representavam, para se tornar um processo de interlocução verbo-visual no qual tanto a obra quanto a reflexão sobre ela, passam a se constituir num processo interativo. Como já havia intuído Umberto Eco em seu livro “Obra Aberta”, no qual discute a interação emergente e crescente que as obras passam a exigir de seus apreciadores e leitores.

Uma destas tentativas de confrontar o Sistema de Arte dominado pelo mercado foi retirar a primazia do ambiente expositivo habitual, dos museus, galerias e demais instituições trocando-o pelo meio ambiente. Assim surgem manifestações fora do *Cubo Branco*, nome dado ao ambiente expositivo por Brian O'Doherty ao tecer severas críticas aos processos usados pelas instituições expositivas em relação aos artistas e à Arte.

Nas décadas de 1960-70 houve quase que uma migração em massa de manifestações dos espaços tradicionais para espaços inusitados, fossem eles urbanos ou naturais. As obras de Arte passaram a ocupar o meio ambiente. Não como a estatuária e monumentos comemorativos ou ornamentais, mas como manifestações instaladas, instauradas e intervenientes no meio em que passaram a ocupar, mesmo que transitoriamente.

O percurso da Arte Visual apresentado, até o momento, sintetiza um período de tempo muito extenso. Vale ressalvar que se destina a criar um “alicerce” suficiente apenas para ordenar o entendimento de como as variações estéticas e conceituais ocorreram ao longo do tempo e de que maneira podem influir ou contribuir para o desenvolvimento dos estudos, apreciação e apreensão de como a Arte Visual promove, proporciona e realiza seus sentidos e significação.

Após este panorama histórico pode-se destacar alguns aspectos determinantes das manifestações artísticas atuais. O principal deles é, sem dúvida, a Autonomia, a Arte Contemporânea é autossuficiente, capaz de propor algo sem qualquer preocupação em representar, imitar, seguir normas ou conduções alheias ao seu próprio percurso. Outro aspecto é a Liberdade de criação e expressão no que diz respeito à opinião, valores e proposições. Estas são conquistas que advieram do Modernismo e do Pós-Modernismo.

Atividades

Leituras Indicadas pela bibliografia da disciplina e disponível na Biblioteca central.
Leitura de textos Disponíveis em TEXTOS: http://www.artevisualensino.com.br/index.php/textos
Leitura da Revista Reflexões sobre Arte Visual, disponível em: http://www.artevisualensino.com.br/index.php/revista-reflexoes-sobre-arte-visual

TICs
MULTIMÍDIA - com vídeos, tutoriais e podcasts: http://www.artevisualensino.com.br/index.php

Audição do Podcast Reflexões sobre Arte Visual, disponível em: https://podcasters.spotify.com/pod/show/isaac-antonio-camargo

Questões para reforço didático e avaliação:

1. Quando surge a ideia de Pós-modernidade?
2. O que caracteriza a Arte Pós-Moderna?
3. Qual a relação da Pop Art com a sociedade?
4. Qual a diferença entre Pop Art e Arte Popular?
5. O que é Arte Conceitual?